



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

MEMÓRIA E ETHOS NO DISCURSO RELIGIOSO SOBRE A LEpra

*¹Washington da Silva Santos and ²Edvania Gomes da Silva

¹Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Professor Assistente do DS I da UESB. Jequié-BA/Brasil

²Doutora em Linguística pela UNICAMP. Professora Titular do DELL da UESB. Docente do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UESB, Vitória da Conquista-BA/Brasil

ARTICLE INFO

Article History:

Received 03rd August, 2019
Received in revised form
20th September, 2019
Accepted 17th October, 2019
Published online 20th November, 2019

Key Words:

Lepra; Memória;
Discurso Religioso; Ethos.

*Corresponding author:

Washington da Silva Santos

ABSTRACT

Este estudo apresenta parte dos resultados de uma tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. O objetivo desta parte do trabalho foi verificar se há um *ethos* característico vinculado ao tema da lepra em produções discursivas do campo religioso. A análise foi realizada com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Escola Francesa de Análise de Discurso e o *corpus* foi constituído por um conjunto de onze letras de músicas que circulam no meio (neo)pentecostal. Os resultados apontam para a presença de diferentes *ethé*, os quais foram organizados, por nós, em dois grupos característicos. Nos dados coletados, selecionados e catalogados, identificamos *ethé* profeta, de pregador, de contador de histórias, além de *ethé* mistos.

Copyright © 2019, Washington da Silva Santos and Edvania Gomes da Silva. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Washington da Silva Santos and Edvania Gomes da Silva. 2019. "Memória e ethos no discurso religioso sobre a lepra", *International Journal of Development Research*, 09, (11), 31353-31357.

INTRODUCTION

A lepra é uma doença ancestral cujo imaginário tem perpassado distintas epistemes, estando presente em diferentes produções textuais e em variados campos discursivos. Como resultado de uma tese de doutorado (SANTOS, 2018), na qual foi sugerido que há um discurso constituinte sobre a lepra pautado no discurso religioso, buscamos o funcionamento da memória de termos como "lepra", "leproso" e suas variantes em diferentes campos discursivos tomando como base a análise de produções discursivas do campo religioso. Para tanto, pautamo-nos em pressupostos teóricos da Escola Francesa de Análise de Discurso, em especial na noção de *ethos*, conforme discutida por Maingueneau em diferentes obras. Ethos é um termo que é mobilizado pela Análise de Discurso com base em pressupostos da Retórica Antiga, para a qual o termo "designa a imagem de si que o locutor constrói em seu discurso para exercer uma influência sobre seu alocutário" (CHARADEAU; MAINGUENEAU, 2014, p. 220).

Nesta acepção, o *ethos* funciona como uma ferramenta de convencimento para validar o que é dito por meio de uma imagem de si construída para o outro, ou seja, ocorre a personificação de uma imagem por quem enuncia, por exemplo, a de um sábio, para que o outro tome aquilo que é enunciado pelo "sábio" como sendo palavras de sabedoria. No âmbito da retórica aristotélica, o estudo do *ethos* não visa verificar o que é persuasivo a um ou a outro indivíduo, mas a tipos de indivíduos (MAINGUENEAU, 2008a). Desta forma, não é uma questão de convencer um sujeito pragmático segundo os valores que este ou aquele indivíduo julgue dignos de confiança, mas classes de indivíduos, como os cristãos, por exemplo. Partindo do exemplo dos evangélicos, trata-se de verificar que comportamento, tom, valores são ou não persuasivos a este grupo, independentemente das particularidades de membros que o compõem. Neste sentido, a imagem que é construída pelo locutor no alocutário deve suscitar uma boa impressão mediante a forma como é construído o discurso, de tal forma que o referido locutor construa uma imagem de si tida como digna de confiança e capaz de causar convencimento ao alocutário.

(MAINGUENEAU, 2008a). Maingueneau (2008b), ao discutir a retórica aristotélica e a forma como o *ethos* é tratado nessa disciplina, apresenta algumas distinções em relação ao que ele propõe no que diz respeito ao *ethos* discursivo, abordando alguns pressupostos: o de que o *ethos* é uma noção discursiva, que é fundamentalmente um processo interativo de influência sobre o outro e que é uma noção híbrida (sociodiscursiva). Trata-se, portanto, ainda segundo o referido autor, de “um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, ela própria integrada a uma conjuntura sócio-histórica determinada” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 63). Sob tais pressupostos, é possível compreender que a noção de *ethos* funciona em um processo de interação que deve ser significado na relação de um com o outro, e ainda, depende de uma conjuntura sócio-histórica determinada para que seja efetivamente apreendida. Assim, enquanto a retórica vincula o *ethos* à oralidade, Maingueneau (2008b) propõe que qualquer texto escrito tem uma “vocalidade” específica, o que permite uma caracterização do corpo do enunciador a um estatuto de “fiador”, o qual, por meio de seu “tom”, atesta o que é dito. Neste sentido, o “tom”, identificado no texto pelo enunciador enquanto ato discursivo, traz à tona a figura do fiador deste texto, aquele que valida aquilo que é “dito”.

Esta figura de “fiador”, encarnada por uma série de representações coletivas estereotipadas, acaba determinando o que se poderia esperar, por meio de um conjunto de determinações físicas e psíquicas, o que ultrapassa a dimensão verbal do discurso. Assim, atribuem-se ao fiador além do tom, já identificado, um “caráter” e uma “corporalidade”; “o primeiro correspondendo a uma série de traços psicológicos, e o segundo, a uma certa compleição física bem como uma forma de se vestir” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 65). Por exemplo, se o tom de um discurso suscita como fiador um atleta profissional, a imagem que se forma sobre este sujeito é a de alguém preocupado com a sua constituição física, com hábitos alimentares considerados saudáveis e de alimentação regrada, bem como, alguém que se veste de acordo com sua prática esportiva e ao qual se atribui uma imagem de longevidade e de bem-estar.

O *ethos* é, então, associado a certa figura, o que se dá por meio da incorporação que o leitor faz desse fiador. Tal associação ultrapassa a identificação de uma figura pragmática validadora de algo que é enunciado. Não é um eu, um sujeito pragmático, que valida o discurso, mas, por meio do *ethos*, identifica-se uma “figura” validadora, um *ethos* sábio, por exemplo. A incorporação designa a ação do *ethos* sobre o coenunciador, o que, pela enunciação, leva o coenunciador a, através do *ethos*, conferir um corpo ao seu fiador (MAINGUENEAU, 2013). Isto implica o acesso a um “mundo ético” do qual o fiador é uma parte e com a qual o leitor/coenunciador se identifica e o assume como validador do que é dito em certo discurso. É possível assim compreender o que é dito por Maingueneau: “o universo de sentido propiciado pelo discurso impõe-se tanto pelo *ethos* como pelas ‘ideias’ que transmite”, seja por uma maneira de dizer, seja por uma maneira de ser, os quais nos fazem remeter a um tom, um caráter e a uma certa corporalidade” (MAINGUENEAU, 2013, p. 108). A partir de tais conceitos, objetivamos verificar se há um *ethos* característico vinculado, em alguma medida, ao tema da lepra a partir de produções discursivas oriundas do discurso religioso.

MATERIAIS E MÉTODOS

Buscando compreender o funcionamento da memória de termos como “lepra”, “leproso” e suas variantes no campo religioso, analisamos produções textuais que circulam e que foram elaboradas no/pelo referido campo. Para tanto, selecionamos onze letras de músicas, que circulam e/ou circularam nos meios pentecostal e neopentecostal, doravante denominados em conjunto pelo termo (neo) pentecostal. As letras de músicas analisadas foram obtidas a partir de busca na internet utilizando como descritores os termos “lepra”, “leproso”, “leprosa” e “letra de música”. Assim, com base no dispositivo analítico da Escola Francesa de Análise de Discurso, selecionamos, como foco de nossas análises, o campo religioso. Adotamos como estratégia de análise identificar o *ethos*, por meio do tom, do caráter e da corporalidade, em letras de músicas que circulam no meio (neo) pentecostal.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Partindo do texto bíblico cristão, identificamos diferentes imagens do leproso em situações distintas. Nesse sentido, identificamos, na tese da qual extraímos o presente artigo, três situações materializadas na enunciação das cenas apresentadas nas letras de músicas que compuseram o *corpus* de estudo: grupos de leprosos, o leproso do monte e Naamã: um leproso nomeado. Na análise a seguir, apresentamos a primeira e a terceira situação, por melhor elucidarem as questões de *ethos* que nos propomos a desenvolver no presente trabalho. Cada uma destas situações é enunciada por diferentes composições musicais e é apresentada a seguir.

Grupos de leprosos

Em relação ao leproso apresentado como parte de um grupo, identificamos, no *corpus*, duas letras de músicas que retratam diferentes situações presentes no texto bíblico cristão. Em uma delas, faz-se menção a um grupo de dez leprosos e, na outra, um grupo de quatro leprosos.

Excerto 1: Em certa manhã dez leprosos acostumados ao descaso

Abandonados caminham o caminho da dor

Em certa manhã dez leprosos abandonados pelo próximo
Tão conformados jamais esperavam a cura¹.

Excerto 2: Na minha Bíblia tem uma história que ninguém quase contou

Talvez por serem leprosos quase ninguém lembrou

Por um ano o exército da Síria

Cercava o povo de Samaria

E a multidão de fome lá morria

E ninguém por lá nada fazia

Foi aí que quatro leprosos

Tomaram uma atitude de corajosos.

O tom de seriedade do enunciador pode ser verificado por certa gravidade em parte da narrativa: “abandonados caminham o caminho da dor”, “dez leprosos abandonados pelo próximo”, no excerto 1; e: “talvez por serem leprosos quase ninguém lembrou”, no excerto 2. O que parece funcionar aqui

¹Grifos nossos.

é uma espécie de ethos misto em que o enunciador tanto se apresenta como um contador de uma história quanto como uma figura que faz uma denúncia, uma espécie de pregador/profeta ao apresentar um posicionamento no interior da narrativa, conforme trecho extraído do excerto 2 no qual ocorre a expressão “talvez por”, o que indica uma tomada de posição. Não é apenas um narrador impessoal que conta uma história, mas também não é um personagem do conto realizando a narração em primeira pessoa. Trata-se de alguém que faz uma denúncia, mostrando que quase ninguém se lembrou dos indivíduos identificados na/pela letra da música, pelo fato desses indivíduos serem leproso. Esta tomada de posição pode indicar ao coenunciador, que assume a imagem de um cristão, a compreensão de que a lepra implica em um efeito de exclusão, de “abandono”, como pode ser constatado nos trechos apresentados. Tal exclusão liga-se a certa memória materializada na Bíblia. Esse efeito de memória convoca o coenunciador a entender o que é narrado através de uma cena validada, a de leproso abandonados fora do convívio da cidade. Tal cena remete àquilo que ocorria com qualquer indivíduo que fosse identificado como leproso, conforme mostra o capítulo 13 do livro de Levítico da Bíblia Sagrada. No entanto, verificamos outras características assumidas na enunciação destas letras de músicas que trazem à cena enunciativa a situação de leproso não enquanto indivíduos, mas enquanto grupos. Em certo momento, constatamos outras características no ethos mostrado desse enunciador, como verificado nos excertos a seguir:

Excerto 3: Ouve-se a voz do filho do homem
A lepra não pode permanecer.

Excerto 4: Minha mensagem não é para magnata
É pra você que ninguém não dá mais nada
Deus vai te usar na terra como ninguém
e vai por nas suas mãos o que os grandes não têm
Minha mensagem não é para exaltado
estou cantando pra leproso desprezado
É grandioso o que ele vai te dar
profetizo um novo tempo que acaba de chegar.

Nos excertos 3 e 4, o enunciador assume a postura de pregador/profeta e não mais de contador de histórias. As falas agora são marcadas por um tom de autoridade, o que remete, por um efeito da memória sobre a atualidade, à autoridade do hiperenunciador do texto bíblico, ou seja, a Deus. Não é apenas algo que é afirmado, são verdadeiras declarações que se espera que sejam assumidas como advindas do próprio Deus, por intermédio de seus representantes terrenos. No excerto 3, o ethos de pregador é identificado pela assunção de uma autoridade imputada ao Cristo, a de que até mesmo a voz deste seria capaz de curar a lepra, daí o “pregador” deste mundo ético afirmar que “a lepra não pode permanecer”. O que se espera do cristão, o coenunciador a quem é endereçado àquilo que é dito, é que associe as palavras do pregador às palavras do próprio Deus. Portanto, se este pregador diz que a voz do Filho do Homem afasta a lepra, o coenunciador assume isso como verdade inquestionável. Aqui, não nos parece que o termo lepra faça alusão apenas à praga bíblica, mas é associada, pela própria cenografia utilizada, a qualquer condição que faça com que o indivíduo se sinta abandonado ou conformado, sem esperar a cura, conforme mostra o excerto 1. A lepra, neste contexto, parece funcionar como pano de fundo para conclamar os cristãos que sofrem de diferentes males e que se subjetivam como leproso, abandonados e

desenganados. Para esses, o enunciador apresenta uma solução que consiste em ouvir a voz do filho do homem. Assim, vemos funcionar uma memória sobre a lepra, a qual produz efeitos de sentido ligados à exclusão. Esse discurso da lepra como lugar de exclusão faz funcionar, na atualidade, um efeito de sentido segundo o qual o indivíduo tem necessidade de aproximar-se do divino, pois este pode livrá-lo, assim como ao leproso, de seu abandono social. No excerto 4, o enunciador assume, inicialmente, o ethos de contador de história, mas, depois, também o de pregador/profeta, o que se dá por meio de uma mudança de tom na enunciação, como pode ser verificado na expressão “a minha mensagem”, em que a trama narrada, antes envolvendo leproso, é atualizada, e, a partir daí, a memória da lepra é utilizada para aproximar uma série de outros indivíduos que aqui são associados à condição de leproso pelo fato de, que “ninguém dá mais nada” por eles, sendo, portanto, comparados ao “leproso desprezado”. O mensageiro promete/afirma/profetiza àquele que se subjetiva na condição de leproso que o próprio Deus o usará na terra como a ninguém e dará a ele (ao leproso) aquilo que, ainda segundo o enunciador, os grandes não têm. Tal enunciação mostra-se voltada para os indivíduos que se julgam simples ou humildes. Nesse sentido, a lepra funciona como uma figura de exclusão que serve para aproximar indivíduos em diferentes condições, também consideradas excludentes, conclamando-os a uma tomada de posição que faz com que se identifiquem com as palavras do pregador. O ethos assumido pelo enunciador tem um tom de autoridade, é alguém que é capaz de afirmar que Deus fará ou não algo, tomará ou não certa atitude, identificando-se como um profeta, uma vez que utiliza o termo “profetizo”, trazendo para a atualidade a figura dos profetas bíblicos, representantes da voz de Deus na terra.

Nos excertos apresentados, observamos a lepra funcionando como meio de exclusão, e não apenas como uma doença. Tal imagem da lepra como meio de exclusão é utilizada pelo enunciador para indicar como seu coenunciador todos aqueles que, independentemente de terem ou não a lepra doença, sintam-se excluídos socialmente. A assunção de um ethos de pregador/profeta, por parte do enunciador, permite que diferentes indivíduos da atualidade se identifiquem com a situação que é descrita na história do grupo de leproso. Para que isso ocorra, os acontecimentos discursivos, que dão margem a tais enunciações e que não são apresentados conforme o texto bíblico em sua totalidade, devem ser interpretados por uma espécie de leitor modelo, conforme Eco (1981)², o qual, supostamente, conhece a narrativa bíblica e, por isso mesmo, identifica-se com a cenografia desenvolvida.

Naamã: um leproso nomeado

Outra situação identificada como uma imagem de leproso no *corpus* analisado possui algumas distinções em relação a anterior. Em primeiro lugar, ela trata de um indivíduo que é identificado como Naamã e não apenas como o leproso ou como parte de um grupo de leproso. Em segundo lugar, Naamã não é judeu, o que o distingue de quaisquer outras

² A noção de leitor modelo, conforme desenvolvida por Eco (1981), estabelece que um texto é uma instância incompleta que deve ser atualizada por um leitor que conheça o código linguístico utilizado para sua construção bem como os elementos linguísticos por meio dos quais esse código se apresenta. Assim, para o texto bíblico, o suposto leitor modelo deve possuir um entendimento dos costumes bíblicos que subjazem à narrativa para que possa compreender o que é narrado a partir de seu próprio dicionário interpretativo. É disso que trata Eco (1981, p.73), quando aborda, em outra perspectiva, diferente da bíblica, mas que pode ser aplicada a esse caso específico, de leitor modelo.

situações descritas na Bíblia Cristã em relação à lepra. É importante compreender que o texto de Levítico 13 está inserido no contexto da lei mosaica, a qual é endereçada aos judeus, no entanto, Naamã faz parte do povo sírio, povo que não é apresentado na Bíblia cristã e sobre o qual a Bíblia não apresenta muitas informações.

Destacamos ainda que a narrativa bíblica é realizada, no que tange ao texto veterotestamentário, onde se encontra a narrativa de Naamã, por judeus e para judeus; e Naamã faz parte de um dos povos inimigos dos judeus na época em que sua situação como leproso é descrita, tanto que o tratamento dado no texto bíblico à sua figura pode ser esclarecido no seguinte versículo de um outro texto da Bíblia: “E Naamã, capitão do exército do rei da Síria, era um grande homem diante do seu senhor,(...); e era este homem herói valoroso, porém leproso” (2 Reis 5:1, BÍBLIA, 2009). No *corpus* de análise seis das onze músicas recorrem à história de Naamã como ponto central para tratar do tema da lepra, materializando, assim, diferentes *ethé* assumidos pelos enunciadores de tais letras. Na seção anterior foram observados *ethé* mistos de contador de histórias e pregador/profeta, nesta seção observamos situações distintas que serão discutidas a seguir. Em uma das letras de música analisadas, observamos um *ethos* a que chamamos de cristão contrito, conforme podemos observar nos excertos abaixo:

Excerto 5: Quando meu eu
E o meu orgulho descer comigo
E se misturar
Com as águas do rio.
Então subirei
Como Naamã curado.

Excerto 6: Senhor, quebra o meu orgulho
Eu quero descer e mergulhar
Nas águas do teu amor
Me purifica! Eu quero ser limpo
Como Naamã, no teu poder.

Nos excertos 5 e 6, verificamos a utilização de uma cena validada no meio cristão, a cura de Naamã, para fazer funcionar o que denominamos de um *ethos* contrito/piedoso, em que o enunciador se identifica com a figura de Naamã para que o coenunciador entenda porque esse enunciador, ao qual o coenunciador se assimila, precisa se livrar de seu orgulho e de seu “eu”, para que possa subir, assim como Naamã, curado. O subir aqui faz alusão aos mergulhos que Naamã teve que realizar no rio Jordão para que fosse curado de sua lepra. Para o enunciador, mergulhar nas águas do Jordão funciona como a materialização de uma atitude de Naamã, o qual desce, com seu “eu” e com seu orgulho, para que seja curado e se torne, conforme indicado no excerto 6, “limpo e purificado”. Naamã é uma figura conhecida no meio cristão e comumente associado a certo status social, uma vez que fazia parte do comando do exército sírio, que dominava a região onde se encontrava Israel.

Nos excertos apresentados, a lepra de Naamã é comparada com o orgulho do qual o enunciador deve purificar-se e, assim como Naamã mergulhou, desceu nas águas, esse enunciador precisa descer ao mais fundo de seu “eu” para livrar-se de seu orgulho. A cenografia aqui utilizada ilustra um homem que mergulha nas águas de um rio para que seja purificado de um mal. Esta cena validada, a de alguém que dispõe de autoridade e deve, ainda que momentaneamente, esquecer-se dela por um

bem maior, confirma a contrição expressa no *ethos* do enunciador. Outro *ethos* que foi identificado no corpus analisado é o de profeta, similar àquele observado na seção anterior, conforme pode ser observado nos excertos a seguir:

Excerto 7: Ei, Naamã! Faz o que fostes mandado
E dessa lepra tu vais ser curado, é só mergulhar...
Ei, Naamã! Deixa desse teu orgulho,
Desce no rio e mergulha bem fundo, é só mergulhar...
Ei, Naamã! Deixa a soberba de lado, vai perder a benção
Do mal ser sanado, é só mergulhar...
Excerto 8: Ei, igreja “escuta”, hoje Deus me faz profeta,
Tem um recado pra ti nessa festa,
Tens que mergulhar...
Pra você ter a benção de Deus completa,
A família, a cura, as portas abertas,
Tens que mergulhar...

Este *ethos* de profeta, assumido pelo enunciador, é apresentado nos excertos 7 e 8 em duas situações distintas. Na primeira, a voz do profeta é dirigida a Naamã, o que leva o coenunciador à cena validada da cura de Naamã no texto bíblico, e apresenta a este mesmo coenunciador a necessidade, por parte de Naamã, de ter de mergulhar para que fosse curado. Destacamos que, na composição da figura de Naamã, alguns traços de sua personalidade são apresentados, segundo a visão do enunciador. Trata-se do traço do orgulhoso e do da soberba, conforme pode ser verificado no excerto 7. No excerto 8, esta imagem de profeta é transferida à atualidade, pois se fala à igreja, convocando-a, por um efeito de memória, a mergulhar para que possa obter uma “benção completa”. O que podemos verificar é que, por meio da memória do texto bíblico, a mensagem materializada na atualidade faz uma associação entre a possibilidade de obtenção de uma “benção completa”, por parte da igreja, e a possibilidade de cura de Naamã. Observamos que, até então, o *ethos* predominante, ao tratar da imagem de Naamã enquanto leproso, é o de pregador/profeta, no entanto, similarmente ao observado na seção anterior, também é possível identificar o *ethos* de contador de história, associado ao *ethos* de pregador, compondo um *ethos* misto em algumas letras, como podemos verificar a seguir:

Excerto 9: Naamã trouxe para a sua casa uma menina
Depois da vitória sobre Israel
Mas ele não sabia
Que uma pequena escrava
Em sua vida era um plano dos céus.
Excerto 10: Do exército do rei da síria era o comandante
General valente, homem importante
Homem respeitado, homem valoroso
Por conquistas e vitórias era conhecido
Nome, fama e glória tinha conseguido
Por Deus ele era usado, mas era leproso.

Nos textos acima, há uma estrutura similar a um conto, com um narrador em terceira pessoa, o qual caracteriza a figura de Naamã e ambienta o leitor na história apresentada. Além disso, verificamos que, assim como já mostramos em outros excertos analisados nas seções anteriores, nos contos há um único clímax. Tal clímax é marcado pela transição do *ethos* contador de história para o *ethos* pregador. Assim, o contador de história marca uma espécie de momento de envolvimento de certo auditório, aqui identificado como o leitor/coenunciador cristão, para que, em seguida, o *ethos* pregador assuma a narrativa, apresentando uma mensagem validada pelo próprio Deus, o

qual conclama o coenunciador a ser não mais apenas um ouvinte cristão, mas um ser atuante que, assim como Naamã, muda sua vida, após morrer para o pecado e renascer para Deus.

Considerações finais

Constatamos, ao longo deste estudo, que a lepra é utilizada no/pelo discurso religioso como uma espécie de imagem que suscita, devido a suas consequências, a necessidade de trazer os fiéis para um maior envolvimento com os valores das igrejas estudadas. Ao longo do *corpus* analisado, verificamos que são assumidos diferentes *ethé* que variam entre contador de histórias, pregador e profeta. Verificamos ainda, que, a partir da análise de letras de músicas, o tema da lepra é, por um efeito da memória sobre a atualidade, discutido a partir de duas imagens características de leprosos, a saber: grupos de leprosos e Naamã, um leproso nominado. Nas letras de músicas, verificamos que a lepra é apresentada como tema central e como uma possível estratégia para revelar os efeitos da fé e, também, do distanciamento do homem em relação ao divino.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA. Bíblia de Estudo Scofield: contendo o antigo e o novo testamento. Texto Bíblico Almeida, Corrigida, Fiel (ACF) São Paulo Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2009.
- CHARADEAU, P.; MAINGUENEAU, D. Dicionário de Análise do Discurso. 3. ed ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- ECO, U. Lector in fábula. La cooperación interpretativa en el texto narrativo. 3ª ed ed. Barcelona: Editorial Lumen, 1981.
- MAINGUENEAU, D. Problemas de Ethos. In: Cenas da Enunciação. São Paulo: Parábola, 2008a. p. 55–73.
- MAINGUENEAU, D. Gênese dos Discursos. 2ª ed. ed. São Paulo: Parábola, 2008b.
- MAINGUENEAU, D. O Ethos. In: Análise de Textos de Comunicação. 6ª ed amp ed. São Paulo: Cortez, 2013. p. 104–114.
- SANTOS, W. S. Memória e discurso religioso: efeitos de sentido de lepra em diferentes materialidades significantes. Tese (Doutorado em Memória) – Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. Vitória da Conquista/BA: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), 2018, 149 p.
